

Sendo o porto impróprio para a invernada, a maioria deliberou zarpar dali, para invernar em Fenice, um porto de Creta — se de algum modo pudessem chegar [lá] — que dava para sudoeste e para noroeste. E, depois de soprar suavemente o vento sul, supondo haverem alcançado o objetivo, levantaram [âncora], costeando Creta mais de perto. Entretanto, não muito depois, lançou-se contra ela [Creta] um vento tufônico, chamado Euroaquilão. Sendo o navio arrebatado e não podendo fazer frente ao vento, rendendo-nos, éramos arrastados. Singrando sob a proteção de uma ilhota chamada Cauda, conseguimos com dificuldade recolher o bote. Levantando-o, usaram cordas de segurança para cingir o navio; e, temendo ficarmos à deriva em Sirte, baixaram o aparelho, sendo assim arrastados. No [dia] seguinte, violentamente sacudidos [pela tempestade], faziam a descarga [do navio]. E no terceiro atos [dia], com as próprias mãos, arrojaram a armação do navio. Não aparecendo nem o sol nem [as] estrelas durante muitos dias, e caindo sobre nós uma grande tempestade, dissipava-se, por fim, toda a esperança de sermos salvos. Então, havendo muita abstinência de alimento, Paulo, pondo-se de pé no meio deles, disse: ó Varões, era necessário terem-me obedecido, e não navegar de Creta, para ganhar este dano e perda. Mas, agora, vos recomendo ter ânimo, pois não haverá nenhuma perda de vida, entre vós, apenas do navio. Pois, nesta noite, se apresentou a mim um anjo de Deus, de quem [eu] sou e a quem [eu] sirvo, dizendo: Paulo, não temas! É necessário que te presentes perante César, e eis que Deus concedeu-te [gratuitamente] todos quantos navegam contigo. Por isso, animai-[vos], Varões! Pois creio em Deus que assim sucederá, do modo como me foi dito. É necessário, porém, sairmos de curso em [direção a] alguma ilha. Quando chegou a décima-quarta noite, enquanto estávamos à deriva no [Mar] Adriático,

por volta da meia-noite, os marinheiros suspeitaram aproximar-se deles alguma terra. E, lançando a sonda, encontraram vinte braças; passado um pouco mais [de tempo], lançando a sonda novamente, encontraram quinze braças. Temendo, porém, que ficássemos à deriva, não em [algum] lugar, mas defronte a lugares rochosos, lançaram da popa quatro âncoras, orando para chegar o dia. Os marinheiros, porém, a pretexto de irem lançar âncoras da proa, procuravam fugir do navio, baixando o bote no mar. Paulo disse ao centurião e aos soldados: Se eles não permanecerem no navio, vós não podereis ser salvos. Então os soldados cortaram as cordas do bote, deixando ele se afastar. Enquanto não raiava o dia, Paulo exortava a todos a tomarem alimento, dizendo: hoje [é] o décimo-quarto dia que permanecéis sem nada receber, esperando sem alimento. Por isso, [eu] vos exorto a tomarem alimento, pois isso é para a vossa salvação, já que nenhum fio da vossa cabeça se perderá. Depois de dizer essas [coisas], tomou o pão, rendeu graças a Deus na presença de todos, partiu-o e começou a comer. Eles, ficando todos animados, também ingeriram alimento. Éramos, todas as almas no navio, duzentos e setenta e seis. Saciados de alimento, tornaram mais leve o navio, lançando o trigo no mar. Quando se fez dia, não reconheciam a terra, mas perceberam uma enseada com praia, para a qual deliberavam dirigir o navio, se fosse possível. Atirando as âncoras, deixaram-nas no mar, desatando ao mesmo tempo as amarras dos lemes; e, içando ao vento a vela frontal, mantiveram firme [o navio] em direção à praia. Enroscando-se em um lugar entre duas correntes de água, encalharam a nau; a proa, fixando-se, permanecia imóvel, mas a popa quebrava-se pela violência [das águas]. O plano dos soldados era matar todos os prisioneiros, para que nenhum deles fugisse, nadando. O centurião, querendo salvar a Paulo, impediu-os desse plano, e ordenou sair para a terra, em primeiro lugar, lançando-se [ao mar],

*os que sabiam nadar. E os demais, uns sobre tábuas, outros sobre alguns destroços do navio. E sucedeu assim que todos chegaram salvos sobre a terra.*

Atos  
27:12 a 44

133

## **Tempestade e naufrágio no mar**

A viagem continuou entre receios e esperanças. O próprio centurião estava agora convencido da inoportunidade da arribada em Kaloi Limenes, porque, nos dois dias que se seguiram ao conselho do Apóstolo, as condições atmosféricas melhoraram bastante. Logo, porém, que se fizeram ao mar alto, rumo a Fênix, um furacão imprevisto caiu de súbito. De nada valeram providências improvisadas. A embarcação não podia enfrentar a tempestade e forçoso foi deixá-la à mercê do vento impetuoso, que a arrebatou para muito longe, envolta em denso nevoeiro. Começaram, então, padecimentos angustiosos para aquelas criaturas insuladas no abismo revolto das ondas encapeladas. A tormenta parecia eternizar-se. Havia quase duas semanas que o vento rugia incessante, destruidor. Todo o carregamento de trigo foi alijado, tudo que representava excesso de peso, sem utilidade imediata, foi tragado pelo monstro insaciável e rugidor!

A figura de Paulo foi encarada com veneração. A tripulação do navio não podia esquecer o seu alvitre. O piloto e o comandante estavam confundidos e o prisioneiro tornara-se alvo de respeito e consideração unânimes. O centurião, principalmente, permanecia constantemente junto dele, crente de que o ex-rabino dispunha de poderes sobrenaturais e salvadores. O abatimento moral e o enjoo espalharam o desânimo e o terror. O Apóstolo generoso, no entanto, acudia a todos, um por um, obrigando-os a se alimentarem e confortando-os moralmente. De quando a quando, soltava o verbo eloquente e, com a devida permissão de Júlio, falava aos companheiros da hora amarga, procurando identificar as questões espirituais com o espetáculo convulsivo da Natureza:

— Irmãos! — dizia em voz alta para a assembleia estranha, que o ouvia transida de angústia — creio que tocaremos em breve a terra firme! Entretanto, assumamos o compromisso de jamais olvidar a lição terrível desta hora. Procuraremos caminhar no mundo qual marinheiro vigilante, que, ignorando o momento da tempestade, guarda a certeza da sua vinda. A passagem da existência humana para a vida espiritual assemelha-se ao instante amarguroso que estamos vivendo neste barco, há muitos dias. Não ignorais que fomos avisados de todos os perigos, no último porto que nos convidava a estagiar, livres de acidentes destruidores. Buscamos o mar alto, de própria conta. Também Cristo Jesus nos concede os celestes avisos no seu Evangelho de Luz, mas frequentemente optamos pelo abismo das experiências dolorosas e trágicas. A ilusão, como o vento sul, parece desmentir as advertências do Salvador, e nós continuamos pelo caminho da nossa imaginação viciada; entretanto, a tempestade chega de repente. É preciso passar de uma vida para outra, a fim de retificarmos o rumo iniludível. Começamos por alijar o carregamento pesado dos nossos enganos cruéis, abandonamos os caprichos criminosos para aceitar plenamente a vontade augusta de Deus. Reconhecemos nossa insignificância e miséria, alcança-nos um tédio imenso dos erros que nos alimentavam o coração tal como sentimos o nada que representamos neste arcabouço de madeiras frágeis, flutuante no abismo, tomados de singular enjoo, que nos provoca náuseas extremas! O fim da existência humana é sempre uma tormenta como esta, nas regiões desconhecidas do mundo interior, porque nunca estamos apercebidos para ouvir as advertências divinas e procuramos a tempestade angustiada e destruidora, pelo roteiro de nossa própria autoria.

A assembleia amedrontada ouvia-lhe os conceitos, empolgada de inominável pavor. Observando que todos se abraçavam, confraternizando-se na angústia comum, continuava:

— Contemplemos o quadro dos nossos sofrimentos. Vede como o perigo ensina a fraternidade imediata. Estamos aqui, patrícios romanos, negociantes de Alexandria, plutocratas de Fenícia, autoridades, soldados, prisioneiros, mulheres e crianças... Embora diferentes uns dos outros, perante Deus a dor nos

irmana os sentimentos para o mesmo fim de salvação e restabelecimento da paz. Creio que a vida em terra firme seria muito diferente, se as criaturas lá se compreendessem tal como acontece aqui, agora, nas vastidões marinhas.

Alguns sopitavam o despeito, ouvindo a palavra apostolar, mas a grande maioria acercava-se, reconhecendo-lhe a inspiração superior e desejosa de confugir-se à sombra da sua virtude heroica.

At  
27:12 a 44

Decorridos catorze dias de cerração e tormenta, o barco alexandrino atingiu a ilha de Malta. Enorme, geral alegria, mas o comandante, ao ver afastado o perigo e sentindo-se humilhado com a atitude do Apóstolo durante a viagem, sugeriu a dois soldados o assassínio dos prisioneiros de Cesareia, antes que pudessem evadir-se. Os prepostos do centurião assumiram a paternidade desse alvitre, mas Júlio se opôs terminantemente, deixando perceber a transformação espiritual que o felicitava agora, à luz do Evangelho Redentor. Os presos que sabiam nadar atiraram-se à água corajosamente; os demais agarravam-se aos botes improvisados, buscando a praia.

(*Paulo e Estêvão*. FEB Editora. Segunda parte – Cap. 9, p. 442 a 444)